

NEM SINCERIDADE, NEM COERÊNCIA

Raul Pilla

NUMA cousa parecem estar todos de acôrdo: a gravidade da crise nacional. Todos, menos o sr. Presidente da República, cujo róseo otimismo se expande na sua recente mensagem.

Repito a pergunta feita ontem: de quem a culpa desta falência? Evidentemente, não pode ser ocasional e aleatória a causa dela. Muito provavelmente, é uma série de fatores que se vêm acumulando desde o passado. Mas, se neste País há um govêrno, e este govêrno já tem dois anos de existência e neste regime, que nos propicia uma ditadura constitucional e, às vêzes, uma ditadura extra-constitucional, o govêrno só não pode o que não quer, desde logo patente se faz que o maior responsável pela crise é o Govêrno: ou porque não a sabe corrigir, ou porque por sua conta a agrava. Podemos buscar outros culpados, mas o culpado maior é inegavelmente o Govêrno.

Entretanto, assim não pensa o coronel Alberfo Bittencourt. O atual govêrno, de que faz parte, está cumprindo a sua missão patriótica e, «dentro de seus princípios sádios, na sua campanha de honestidade e dignidade», está mostrando que, «não tinham razão, absolutamente nenhuma», os que, há tempos, preconizavam uma solução extra-legal para a crise nacional.

E a crise, que êle mesmo aponta e caracteriza como «econômica, política, moral, psíquica, etc.»? Com esta nada tem que ver o Govêrno, inteiramente inocente nela. A causa de tudo são os partidos políticos que, esquecidos de duas datas fatídicas, devem estar, pelo dito, muito abaixo do govêrno a que têm servido e, mais do que servido, obedecido.

Ora, isto não é sério. Os partidos políticos brasileiros não valem realmente grande coisa. Mas o govêrno não vale mais do que êles. Às vêzes vale menos, pois é ainda no seio dêles que se ensáiam certas reações salutares, como a da recente eleição da Mesa da Câmara dos Deputados. E, em vez de dizer-se que o govêrno é o reflexo dos partidos, como é normal em tôda verdadeira democracia, mais exato seria afirmar que os partidos são o reflexo do govêrno onipotente.

Não há, pois, sinceridade, nem sequer coerência, na recente manifestação radiofônica. A terceira «data» anunciada em nada differiria da segunda: um simples assalto de posições. E contrapor-se-ia frontalmente à primeira, que esta foi uma tentativa, embora malograda, para estancar o «mar de lama», a que o próprio entrevistado se refere.